



EM PERSPECTIVA QUEER: UM ESTUDO DE HEATHER CASSILS E VIRGINIA DE MEDEIROS

Bolsista: DAVID CECCON

Orientador: ALEXANDRE SANTOS

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa está inserida no projeto *A fotografia na arte contemporânea: diferença e micronarrativas*, do professor Alexandre Santos, e objetiva fazer um estudo de caso das artistas Heather Cassils (Montreal, data desconhecida) e Virginia de Medeiros (Feira de Santana, 1973), a fim de refletir como suas produções poéticas, dentro do contexto da arte contemporânea, podem ser pensadas a partir da Teoria Queer.

A Teoria Queer surge em meados da década de 1980, fortemente influenciada pelos estudos feministas, das minorias sexuais e pelos trabalhos de Michael Foucault. Ela defende que a identidade de gênero e a orientação do desejo sexual são resultados de um constructo social, cultural e histórico e não se encontram inscritos biologicamente e essencialmente na natureza humana. Para a Teoria Queer, a falsa continuidade entre biologia e identidade e devem ser abandonadas em prol de uma postura pós-identitária, que renega não somente as categorias binárias de sexualidade e gênero, mas se distancia da própria política identitária e assume o desconforto, o estranho, o ambíguo, a pluralidade como seu alicerce, desorganizando, assim, a ordem política, social e a relação entre os sujeitos. A teoria deleuziana sobre diferença (2000)¹ vem ao encontro dessa postura, defendendo a desierarquização e pluralização dos indivíduos e das categorias.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O trabalho objetiva refletir como a performance de gênero e a modificação do corpo podem ser pensadas no campo da arte, e que tipo de questionamentos e desdobramentos políticos e sociais podem ser suscitados por esse encontro entre arte e o *queer*. No que tange o cenário nacional, interessa-me, ainda, pensar quais relações podem ser firmadas entre a produção artística no Brasil e as questões de identidade, diferença e *queer*.

A metodologia centrou-se, no primeiro momento, em fazer um recorte nas produções de Heather Cassils e Virginia de Medeiros e, em uma segunda etapa, na reunião da literatura referente às artistas, bem como no mapeamento de conceitos relevantes para a pesquisa. A próxima etapa consistiu no cruzamento desses materiais e, a partir da análise das obras elegidas, na elaboração de conclusões guiadas pelos referenciais bibliográficos, teorias relevantes para a investigação, entrevistas das artistas retiradas de fontes terceiras e outros materiais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber que a arte deste momento histórico, ainda tributário à pós-modernidade, se abre cada vez mais para os questionamentos de gênero e sexualidade e absorve artistas que trabalham com essa temática, proporcionando um lugar de visibilidade, experimentação e problematização das políticas do corpo.

O corpo de Cassils surge como obra: um corpo feminino musculoso, esculpido como os corpos tradicionalmente masculinos, e que remete tanto às esculturas gregas clássicas como ao universo do halterofilismo. Porém, há uma ruptura: Cassils não esconde ou nega o feminino em sua performance e, assim, reafirma a dubiedade do corpo. Sua identidade permeia os dois polos - feminino e masculino - mas não se fixa: é no não-lugar, no estranho, no ambíguo, no *queer* que Cassils performatiza, remetendo ao mito de Tirésias.

Já no trabalho de Virginia de Medeiros, vemos a aproximação da artista com o cenário marginalizado do travestismo no Brasil. Nessa perspectiva, a artista figura como um outro, sua experiência se dá através de relatos, documentação e trocas com essas travestis e transexuais. Nesse processo, ela traz visibilidade para os corpos desviantes e, no âmbito social, questiona o preconceito e marginalização desses indivíduos. Virginia rompe com a aparente estabilidade da noção de travestismo e transsexualidade ao explicitar as relações desses indivíduos com seus corpos e com suas identidades, nem sempre fixas ou operantes em uma só direção. A pluralidade e flexibilidade dessas identidades desestabilizam as fronteiras entre masculino e feminino e reforçam, a partir desse ambiente de intimidade criado pela artista, a individualidade dessas pessoas.

¹Gilles Deleuze, *Diferença e Repetição*. Lisboa: Relógio d'Água, 2000.

REFERÊNCIA IMAGENS:

HEATHER CASSILS, *Cuts: A traditional sculpture*, 2011-13

VIRGÍNIA DE MEDEIROS, imagens do trabalho *Studio Butterfly*, 2006.

